

# A GAZETA DO ESCRITOR



EDITORIAL

lançamentos



## O PAPEL DO ESCRITOR E O MEIO AMBIENTE

A ecologia tem como fundamento básico a noção de que todo ser vivo afeta o planeta inteiro, positiva ou negativamente, e a soma das influências de todos os seres vivos pode acarretar uma mudança significativa no meio ambiente. Este fundamento levou o cientista James Lovelock a estabelecer a ideia de que a Terra é um ser vivo, um organismo formado pelas mútuas influências de todos os seres.

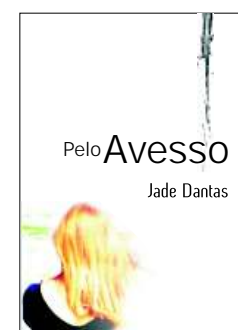
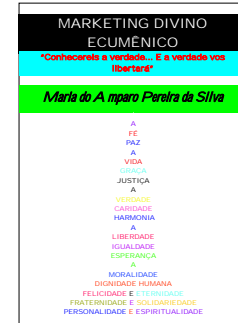
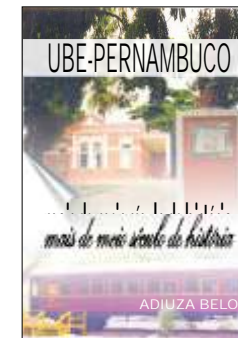
O papel do escritor responsável por suas próprias edições, está diretamente ligado com o papel utilizado nos livros que levam suas ideias e sentimentos até o leitor.

Quantas árvores precisam ser derrubadas para que seja feita uma edição de livros? Quantos escritores têm consciência desse fato e mantêm uma atitude de respeito em relação ao meio ambiente?

Reconhecer a necessidade de utilizar o mínimo de recursos naturais necessários à sua vida é ter consciência ambiental. É preciso, pois, reduzir a quantidade do que se retira da natureza.

Uma edição de muitos exemplares só é justificável quando for compatível com o número de leitores. Estocar livros por anos a fio, numa espera frustrante, implica no gasto desnecessário da natureza, na incorporação de gases que provocam o aquecimento da atmosfera (efeito estufa), e na ocupação de espaços que poderiam servir para outros fins, além da questão econômica. Por todos os motivos, defendemos as pequenas edições.

Saete Rêgo Barros  
Editora



APOIO: UBE PE

UBE-PERNAMBUCO  
Mais de meio século de história  
Autora: Adiuza Belo  
183 páginas

NA PONTA DA LÍNGUA  
Guia do Escritor  
Autores: Carlos Severiano Cavalcanti, Saete Rêgo Barros e Terezinha Acioli  
230 páginas

LUZES DO ZODÍACO  
Autora: Lúcia Cardoso  
118 páginas

PARADA OBRIGATÓRIA:  
Pare e pense, a hora é agora.  
(religioso)  
Autor: Shoia Durand  
98 páginas

MARKETING DIVINO  
ECUMÊNICO  
Autora: Maria do Amparo Pereira da Silva  
202 páginas

CONTANDO HISTÓRIAS  
TECENDO ENCANTAMENTOS  
V Formação de Contadores de Histórias  
Organizadoras:  
Ana Carol Lemos e Kika Freyre

POESIAS & POESIAS  
Autor: Francisco de Almeida  
115 páginas

FAGULHAS DE SONHOS  
Autora: Dorinha Arruda  
136 páginas

PELO AVESSE  
Autora: Jade Dantas  
202 páginas

APRENDER E ENSINAR  
BRINCANDO  
94 páginas

O DESENCANTO  
24 páginas

A DESCOBERTA  
18 páginas  
Autora: Vera Marinho

DAS OGIVAS AO INFERNO  
Autor: Luiz de Souza Leão  
100 páginas

## Livro de entrevistas de Hermilo lançado na abertura da Feira do Livro de Porto Alegre

Com a reunião de 19 entrevistas concedidas pelo escritor pernambucano Hermilo Borba Filho a revistas e jornais brasileiros, a um jornal português e ao SNT - Serviço Nacional do Teatro, de 1947 a 1976, o livro A PALAVRA DE HERMILO, publicado pela Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, em 2007, "é um documento jornalístico que mantém e atualiza a lúcida opinião de um dos escritores brasileiros mais talentosos e prolíficos da segunda metade do Século 20", afirma Juarez Correia, organizador da obra ao lado de Leda Alves, viúva do escritor. A publicação pernambucana será lançada na abertura da 54ª Feira do Livro de Porto Alegre, domingo, dia 2 de novembro, às 18h30m, junto com dois livros de arte, organizados por Paulo Bruscky, também publicados pela CEPE, e com o livro PAULO BRUSCKY – ARTE, ARQUIVO E UTOPIA, de Cristina Freire. O Estado de Pernambuco recebe homenagem especial na feira gaúcha, onde será montado um estande com livros de 13 editoras pernambucanas e ocorrerá a promoção de lançamentos de livros de 22 escritores do Estado.

Prefaciado pelo jornalista Ricardo Noblat, o livro A PALAVRA DE HERMILO é apresentado como um motivo para que seja celebrado um homem raro, complexo e essencialmente simples, "que dizia amar a Deus e respeitar o Diabo", enfatiza Noblat. "Sua obra-prima foi a tetralogia "Um Cavalheiro da Segunda Decadência". E seu último romance, "Agá" (1974), foi o primeiro na história da literatura brasileira a se valer de quadrinhos para contar parte da trama. Foi um visionário", afirma o prefaciador.

Hermilo Borba Filho contou tudo o que sabia e vivia nas suas entrevistas concedidas aos jornais recifenses Jornal Pequeno, Diário da Noite, Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Jornal da Semana, aos jornais paulistas A Gazeta e Movimento, ao jornal carioca O Globo, às revistas Ele Ela e Veja e ao jornal português Diário de Lisboa.

O livro preserva e transmite a palavra emocionada, plena de humanidade, de um escritor que foi, com uma coragem exemplar, um artista comprometido com o homem do seu tempo, como ele afirma na sua última entrevista, dias antes de sua morte, no Recife, concedida ao jornal O Globo (Rio de Janeiro, junho de 1976): "Chegou um momento em que tive de optar e reconhecer que, para mim, chegara a aposentadoria de muitas coisas. Claro que, a princípio estrebucheí como um desgraçado, mas, aos poucos, numa dura e longa aprendizagem de quatro anos, fui descobrindo coisas formidáveis : a manutenção do amor, o sentido profissional de minha arte, o gosto pelas coisas simples, o papo com os amigos, a ajuda aos jovens. Minha saúde me dá forças para rir, gargalhar, até mesmo ficar alegre neste asfíxiante mundo em que estamos. Sabe por quê? Porque viver, de qualquer maneira, é fantástico."

Corpos que se misturam  
Jair Martins

F ilhos de Á frica  
Renaldo Tenório de Moura é Poeta da UBE

Grito  
Vera Sato

Um corpo branco sobre lençol negro  
Um corpo negro sobre lençol branco

Luz dividida.

Decentes como indecentes  
Rolam no ring de alienados desejos  
Um corpo branco sobre lençol negro  
Um corpo negro sobre lençol branco

Luz seletiva

Vivenciam na calícnia  
O abraço das orgias na mistura dos ossos  
Um corpo branco sobre lençol negro  
Um corpo negro sobre lençol branco

Luzes unidas

Brilhantes  
Usam suas matizes  
Pintando cenário diferente  
Um corpo branco sobre lençol negro  
Um corpo negro sobre lençol branco  
O belo é igual.

Quase sem notar  
José Anderson de Oliveira

Foi assim  
Quase sem notar  
No meio da multidão.  
Esbarrei no teu olhar.  
Foi assim  
Pura paixão  
Você mexeu  
Com o meu coração.

Esqueci o medo  
E fui te encontrar  
Pra revelar o segredo  
Que tinha no meu olhar.  
Fui me acostumando  
Com essa história de amor.  
O amor como um vinho  
Que nunca se acabou.

Hoje estou mais envolvido,  
O amor mais forte ainda  
E eu correndo perigo,  
Pois eu tenho medo  
De um dia se acabar  
Tudo que eu senti  
Quando olhei no teu olhar.

O ar que respirou minhas veias  
Embeveceu as vertentes  
Das veias dos continentes  
E se consumiu além-mar

Evaporou, fundou a vida  
A água que fluiu da fonte  
E se fez azul segredo  
Quando quis dormir, no mar  
Deu luz a acácia rubra, amarela  
Ouvindo o canto de Angola  
Vivendo o mar de Luanda  
Aos pés da negra Benguela

Rompeu o Mar com Homem  
E derivou toda a Terra  
Além-mar mora um mundo  
Entre ares, mares, prantos  
Chora a Mãe África partida  
Reclama os seus filhos idos  
Cá, choram os filhos amados  
O eterno amor dos perdidos

As águas d'olhar de Mãe África  
As águas choradas de lá  
Vêm com o amor de Angola

Benguela, Lobito e Luanda  
São tantos os filhos que a ama  
São tantos os filhos que choram  
Que salgam as veias do mar

Rasgaram os continentes  
Pra nunca mais juntar  
Chora os teus filhos Mãe África  
Reclama o teu sangue africano  
Corre a Corrente Benguela  
Atravessa o oceano  
Vem cá teus filhos banhar  
Vem cá  
Vem cá  
Vem cá.

III FESTIVAL DE LITERATURA DE  
PORTO DE GALINHAS  
FLIPORTO  
de 6 a 9 de novembro de 2008

Pode uma cidade  
Olhar indiferente o seu rio?  
Histórias entrelaçadas  
Onde se alternam prazer e dor.

Recife que se derrama  
Entre rios e o Oceano Atlântico.  
Arrecifes que emergem do mar,  
Pontes que se impõem  
Narcisicamente aos transeuntes.

Lanço um canto de amor  
Oh Beberibe! Oh Capibaribe!  
água desce  
água sobe  
água volta  
água escorre.

Tranqüilas águas  
Edênicas correntes outrora  
Que mudam e seguem as estações.  
Água correndo aos borbotões.

Hoje, rolam latas, o rio se move  
Entulhado, espremido.  
Mancha d'água que repugna.

Grito aos cidadãos em nome dos rios  
Ultrapassados, mal-amados.  
Não maculem a NATUREZA.

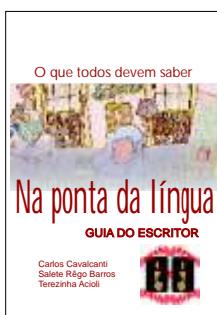
Lanço um cântico de dor utópico  
Em nome dos rios,  
Da cidade que adotei.  
Sintam-se PEIXES, AMAPOLAS,  
BARONESAS...

Faço ilustrações e capa de livros.  
vsato@ig.com.br



## O que todos devem saber na ponta da língua

Carlos Cavalcanti  
Saete Rêgo Barros  
Terezinha Acioli



Desde 1995, a Novoestilo Edições do Autor vem empenhando-se, pioneiramente, em Pernambuco, pela democratização da expressão literária através de edições com tiragens reduzidas e ações que visam à divulgação e valorização do autor regional. Para isso, faz-se necessário a otimização da qualidade da escrita e apresentação do livro, ou seja, forma e conteúdo devem estar impecáveis, para que o leitor seja contemplado com o que de melhor o autor possa oferecer-lhe.

Reunidos, neste livro, autores especializados em poética, língua portuguesa, literatura e edições de livros, disponibilizam um guia prático e completo para os que ainda apresentam dificuldades na gratificante arte da escrita e para os que se aventuram na árdua tarefa de publicar.

Expediente: NOVOESTILO EDIÇÕES DO AUTOR  
Endereço: Rua Sérgio Magalhães, 54 - Graças - Recife-PE  
Telefones: (81) 32433927 | 91088727  
Editora: Saete Rêgo Barros

OFICINA DE SONETO WALDEMAR LOPES  
coordenada pelo poeta Carlos Cavalcanti  
Local: UBE - Rua de Santana, 202 - Casa Forte  
Maiores informações: (81) 34417488 | 32696606 | 99455781

Maria e a viagem  
Sônia Rocha



o jangadeiro  
Tavares de Lima

o N inho V azio  
Nina Afonso

O ônibus parou  
Na primeira estação, a do Amor  
Havia a intenção de olhar  
Houve a tentação do olhar  
E fiquei a espreitar  
Foi quando te vi na estação  
E fixei em teus olhos  
Tivemos a cumplicidade do olhar  
Maria, tu estavas lá, a me esperar

Alta madrugada.  
Parte o jangadeiro  
rumo ao mar aberto,  
desfralda as velas  
de sua velha jangada...  
Confere os apetrechos:  
a rede de pescar,  
uma pequena moringa  
cheia d'água  
para aplacar a sede,  
os samburás vazios,  
um bernal com pedaços  
de carne seca  
e alguns pães dormidos...  
A maré cheia,  
o vento brando  
embalava pouco a pouco  
a rústica jangada  
de Pedrão  
rumo ao alto mar.  
De sol a sol,  
dia a dia,  
solitário partia  
em busca  
de seu sustento  
e de sua família.  
Anos a fio  
era sempre  
sua jornada.  
Um certo dia,  
Pedrão não retornou.  
No horizonte,  
nem se via  
sinal da embarcação...  
No dia seguinte,  
embalada pelas  
correntes marinhas,  
o barco de Pedrão  
de repente surgiu.  
Mas, sobre ele  
sem sombra do jangadeiro.  
No alto mar  
ele sumiu... sumiu... sumiu...

Acordo às seis horas da manhã. Sinto um aperto no coração enquanto  
minha cabeça roda numa vertigem que se vem prolongando há mais de  
40 dias. Levanto-me e vou ao banheiro. Pego meu livro de orações e leio  
sobre viagens e proteção. Peço a Deus para guiar e levar minha filha e meu  
genro em paz e protegidos até Arcoverde. Vou ao quarto deles. Ainda sinto um  
perfume no ar e a marca dos seus corpos sobre os lençóis.  
Pedaços de bolo, doces e salgados em cima da mesa da cozinha. Vestígios de um ano  
de casados que completaram ontem. Na sala sobre o móvel, uma miniatura de um casal  
de noivos. Almofadas espalhadas pelo sofá. Escuto as risadas espontâneas do casal.  
Um longo silêncio invade minha casa e minha alma. Volto a deitar-me. Viro e reviro na cama e  
não consigo ficar quietinha, aguardando o telefonema de Raquel, comunicando que já chegou  
em casa. ão amorosa alisa meus cabelos e me abraça num gesto de ternura. É como se falasse:  
Estou aqui contigo e estamos juntos nisso.  
Levanto-me tonta e encaminho-me para a sala. Abro o computador e pego no telefone. Não consigo  
falar com eles. Uma vozinha chata diz que o aparelho está desligado ou fora da área de cobertura.  
Deve estar fora de área de cobertura, com toda certeza!  
Sento-me ao computador e tento escrever minhas emoções. Compreendo que estou passando  
pela síndrome do Ninho Vazio. Os filhos crescem e levantam asas. Voltam em revoadas,  
felizes e barulhentos e enchem o ninho de alegria, juventude, entusiasmo, esperanças e  
sonhos. Depois levantam vôo e o ninho fica vazio, apenas com o cheiro que exalam ao partir.  
Uma grande tristeza toma conta do meu peito e choro de saudades. Quisera  
perpetuar esses encontros recheados de carinho, intimidade e amor...  
Respiro fundo e penso que sou muito dramática. Afinal estou no Brasil e  
Arcoverde não é tão longe assim. No próximo final de semana irei lá e  
tornarei a rever minha filha e conhecer o ninho que os abriga. O ninho que  
os acolhe e onde permanecerão com sua prole no futuro e um dia  
também sofrerão a "Síndrome do Ninho Vazio".

Tão absorto nos meus pensamentos  
De imediato, não compreendi  
Tive a tímida vontade de chamar  
Indeciso, não me permiti sonhar  
Acenei com um lenço,  
Tu não me reconheceste.  
O ônibus seguiu o seu destino

Depois parou em várias estações  
Fiquei a desejar,  
Fiquei a lamentar o encontro  
Que não se deu.  
Até que chegou a última estação,  
A da Liberdade.  
Era o final da viagem.  
Nada de novo transcorreu

Desci lentamente os degraus  
Olhei para os lados e  
Não te enxerguei.  
Subi a passarela, te procurei  
Maria, tu não estavas lá  
Não correste ao meu encaço

Sou o senhor de chapéu panamá  
De óculos escuros e chaveiro, que  
Aguardavas com tanta ansiedade  
Naquele restaurante, em Paris.  
Num Vermelho da Tarde,  
Eu faltei ao nosso encontro

Hoje, passado o tempo, senti,  
Não despertei em ti  
O desejo e a saudade de rever,  
Restando em mim, somente a esperança  
De um possível reencontro.

Para Maria Pereira de Albuquerque

o cálice da vida  
Lúcia Sobral

O que tens a oferecer?  
A máscara do medo na escuridão.  
A solidão que tentas esconder no riso fingido,  
O olhar vazio, o sentido pranto.

A dura realidade de uma vida não vivida.  
A ansiedade na ilusão do fastuoso,  
Do amor quimérico, da desilusão primeira.  
A descrença em tudo que acreditavas ter.

O que te resta oferecer?  
O pranto sentido do medo de raciocinar,  
A amplitude da tua realidade,  
A falsa filosofia de uma vida, sabendo que somos  
Uma máscara feita do tempo,  
E o tempo é implacável.

O que vou oferecer?  
O ombro amigo, do amor primeiro.  
O desvendar dos teus infortúnios,  
Despir a alma na ditosa esperança de te fazer feliz.

O que mais poderia fazer?  
Dar-te todo o amor  
Sem mágoas ou ressentimentos.  
Na espera de tua volta, amarmos com sofreguidão.  
Das nossas amarguras, o esquecimento,  
E, ávidos, bebermos o cálice da vida.

o depois contém o antes  
que nunca será o depois

o agora contém o antes  
que nunca será o agora

difficilmente o tempo  
consegue reforma  
quebrada a peça.

Em alto mar  
Maria Zélia de Oliveira Araújo

Como um passe de mágica estou vivendo  
Aqui e agora, saudável maravilha  
Feliz aceito o que está acontecendo  
Estou em alto mar, sou uma ilha.

No convés da encantada embarcação  
Sem querer adormeço por momentos  
Como força que vem do coração  
Mistérios surgem nos meus pensamentos.

Vejo surgindo das águas transparentes  
Tua figura enigmática, em minha frente  
Que logo se desfaz e me refaço

Volta, então, esta saudade que não pára  
Mesmo quando o mar e o tempo nos separa  
Estamos nós, presos num só laço.

Saudade no Poente  
Maria Luiza Bezerra de Paiva

Naquela bela tarde de setembro  
Meus olhos viram através do mar  
Uma pedra mágica que transmite  
Luz, beleza e eternidade.

Estava ali pelas ondas banhada.  
Lembrei outras tardes coloridas  
Que ficaram pintadas na tela da imaginação.  
Não era sonho não, era Saudade.

A saudade sufocante  
que dilacera o coração -  
E deixa chagas na vida.

Tristeza ao longe... E,  
Aquela lágrima cristalizada  
Que sempre viveu  
E nunca mais foi chorada,  
Caiu, moljando o pôr-do-soll..



Talvez um B eduino  
Maria Pereira de Albuquerque

Não sei quando nem por quem, recente é, e  
bem feita, a limpeza do poço que, em verdade, nunca  
foi sujo, triste, solitário. Porém agora está impecável.  
Podem-se ver as pedras, lá, tão fundo que parece  
impossível a vista alcançar. (Será visto pelo olho  
humano ou captado pelo terceiro, quarto ou infinito  
olhar do espirita?).

Importa é que ao se debruçar pode-se ver  
seixos polidos, um ou outro morador - quem habitará  
este reino encantado? - e uma sobrecarga de prana -  
aquático? - a faiscar entre as paredes brilhantes. E uma  
pedra rosa que teima em atrair o olhar que se atira para  
a profundidade do poço.

Cor, perfume, transcendência.  
A nascente aguarda e basta um luzir-luzir de  
uma estrela distante, de um vaga-lume numa moita  
próxima, o arfar quase imperceptível de um coração e a  
nascente jorra, em silêncio, a levar consigo qualquer  
resquício do visível ao invisível que possa turvar o  
cenário. Alguém cairá no poço?  
Ao cair matará a sede. 23.10.2008

Rua N ova  
Santa Rosa, José (poeta paraibano)

A Outrora Rua Nova,  
Comprida,  
Ora plana, ora ladeira,  
Com largas calçadas,  
Importante, imponente,  
De seculares casas germinadas  
Todas elas habitadas  
Por ilustres residentes:  
Intelectuais,  
Políticos,  
A elite rural,  
E até, Presidentes.  
Rua religiosa,  
Das Igrejas, do Mosteiro,  
Dos novenários, da Procissão.  
Rua Mística,  
Do Palácio Branca Dias,  
Da Grande Loja, da Marçonaria.  
Rua Profana,  
Dos folguedos de rua, da Festa das Neves.  
Rua de vários nomes,  
Além do oficial  
Rua da Festa das Neves  
Rua Nova,  
Rua da Cathedral.  
Faz tempo, mudaram seu nome  
E homenagearam Ozório,  
O General.  
Por que não voltar  
A se chamar de Nova,  
Ela que é a mais antiga  
Rua de capital?

por apenas R\$ 60,00 mensais  
você edita o seu livro!

plante árvores  
tenha filhos  
publique livros  
81-32433927 | 91088727  
a partir de 50 exemplares

Para refletir  
Raquel Carrilho

O rio corre indiferente  
à dor da flor que em suas águas caiu.  
Vai correndo vai levando  
indiferente vai cantando, seu gemido não ouviu.

Em certo ponto da ribeira  
já zurzida ela ficou:  
hoje é um arbusto a lhe sorrir  
desabrochado em flor.

Como o rio, não nos incomodamos  
com o gemido do irmão.  
Quem sabe se no desencarrilhar da carruagem  
não seja um desses olvidados  
que nos venha estender a mão?

F inal de A gosto  
Socorro Costa

Reverbera o mar,  
Em prenúncio de Primavera,  
Um convite à Prosa,  
É manhã de Sol.

Um renovar de ontem,  
Em Arco Íris de tons,  
Verde-Azul,  
Em louvor a vida,

Que, a cada instante,  
Primorosamente, se refaz.

Preito de honra  
Carmelita Muniz

A Dra. Dayse Barbosa Aroucha  
Gastroenterologista  
Voluntária do NAI (Núcleo de Atenção ao Idoso)

Não poderia deixar escapar esta  
oportunidade de prestar meu reconhecimento  
e apreço à pessoa da Dra. Dayse, possuidora  
de um carisma sem par.

Está sempre a serviço, com um  
sorriso, uma palavra amiga, preocupada e  
interessada, pronta em atender com um sorriso  
emoldurando sua face.

Somos uma praga  
Marly Maria dos Santos

Somos uma praga sobre o planeta Terra;  
Somos piores do que cupim.  
Pouco a pouco  
Estamos destruindo o que a natureza  
construiu.  
Podemos acabar com a vida no planeta,  
Estamos caminhando para isso.  
Dizemos que temos raciocínio...  
Mas que raciocínio é esse?!

Somos uma praga sobre o planeta Terra!  
Nós matamos os animais, poluímos o ar,  
A água em todo o planeta.  
Será que a nossa espécie tem mesmo  
raciocínio?  
Uma coisa eu garanto:  
A nossa mãe Natureza é sábia.  
E nós somos uma praga sobre o planeta terra.

Com os olhos do amor  
Zuyla Cartaxo

Eu me lembro da casa... era amarela,  
A adolescência minha ali marcada.  
Eu ia todo o dia pra janela  
Olhar você ficar lá na calçada.

Naquele tempo, a vida ao meu redor  
Dava a impressão que nunca mudaria,  
Mas o pincel de Cronos muda a cor  
Na tela do semblante co'ousadia.

Porém, para você pareço bela,  
Assim como pra mim nada mudou.  
Nossos olhos a ver na mesma tela  
A passagem do tempo em disparada:  
Você me vê a moça da janela,  
Vejo você o jovem da calçada.

Re-memória  
Luiz Fernandes da Silva

Jornalista, poeta, colunista literário em jornais  
paraibanos e editor do "Correio de Poesias"-  
João Pessoa-PB.

Percorro nos desvios de mim  
mesmo;  
encontro os meus versos  
na Rua da república,  
Medito no dia  
em que na correnteza do Sanhauá  
banhei o rosto  
e na toalha do vento o enxuguei.

A memória passeia  
nos sonhos marcados  
e a minha caneta registra  
os segredos das linhas da mente.

medito no menino calado que fui  
e nesta viagem, meus olhos  
acordam, ficam tatuados e  
retidos sobre os anos.

Comparação  
Lúcia Cardoso

Se felicidade para ser verdadeira  
tem que ser imensa  
vir das coisas  
raras  
importantes  
grandiosas  
e de veludo se cobrir  
então a minha deve ser falsa  
pois cabe e está sempre  
na palma da minha mão.  
Tem o jeito das coisas simples  
o cheiro da natureza  
um ar de sinceridade  
que me faz nela crer e sorrir  
e com seus retalhos me vestir...

Chamou, Eu V enho  
Cássio Cavalcante

Não adianta chorar, me chamou eu  
venho. Agora é tarde para se  
arrepender. Tinha que ter pensado  
antes nas conseqüências de seu ato.  
Calma, veneno no refresco faz logo  
feito. Ainda tenho muitos para  
atender hoje.